

EDUCAÇÃO POPULAR E TRABALHO: VALORES ÉTICOS FUNDANTES DA EDUCAÇÃO POPULAR NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CURSOS PROFISSIONALIZANTES DA USINA CATENDE – PE

*Izabel Cristina Mota Araújo¹
Lenivaldo Marques da Silva Lima¹
José Francisco de Melo Neto²*

RESUMO

Este trabalho, inicialmente, teve como objetivo desenvolver práticas pedagógicas populares na realização de dois cursos profissionalizantes na Usina Catende – Curso de Técnicas em Produção Agrícola e Curso Técnico em Produção na Agroindústria Açucareira. Nos cursos promoveram-se metodologias incentivadoras da participação, envolvendo alunos/as, coordenadores e dirigentes da Usina na elaboração, desenvolvimento, conteúdo e avaliação dos mesmos. Com a realização destes cursos, destacaram-se valores fundantes que permearam essas práticas, podendo, dessa maneira, contribuir para a resposta da questão: O que é educação popular? Esta manifestou-se como um fenômeno de produção e apropriação dos produtos culturais, expresso por um sistema aberto, permeado de uma pedagogia estimuladora da participação e do empoderamento das pessoas, com valores pautados pela experiência histórica dos participantes, pela cultura, pelo popular, pela categoria **trabalho**, alimentando-se por valores como autonomia, liberdade, igualdade, diálogo e felicidade.

Palavras-chave: educação popular - trabalho - empoderamento.

INTRODUÇÃO

A Zona da Mata Nordestina é uma região de grandes e complexos desafios. A Zona da Mata Sul de Pernambuco é composta por 43 municípios, com população de 1.200.000 habitantes e perfil, predominantemente, rural. Sempre fora área prioritária para o cultivo da cana de açúcar desde os tempos coloniais, originando uma estrutura social de profunda desigualdade. Mantêm-se, pela persistência de uma relação secular de exploração, a exclusão, a negação não só do direito das pessoas mas do próprio ser humano. Esse quadro é herança de um sistema colonialista, patrimonial e escravocrata responsável pela concentração do poder econômico, político e cultural nas oligarquias, representadas pelos senhores de engenhos e, posteriormente, pelos usineiros.

Palco de lutas populares contra essa escravidão colonial e o poder de mando desses senhores, a Zona da Mata de Pernambuco, especialmente a Mata Sul, modernizou-se, mas não se transformou em ambiente de prosperidade para todos.

A modernização econômica desta região manteve a estrutura básica que fundamentou as relações sociais da casa grande x senzala. Antigos engenhos de açúcar absorveram engenhos menores. Modificaram as suas estruturas produtivas, transformando-se nas atuais usinas produtoras de açúcar e destilarias. Essa modernização manifestou-se, com maior vigor, na década de 80, com o estímulo do Programa de Apoio ao Alcool mas, não alterou a estrutura fundiária que permaneceu baseada na grande propriedade. Manteve a monocultura da cana de açúcar e, pouco a pouco, transformou as relações de trabalho pré-capitalista ainda existentes

^{1,2} Membro da Equipe de Educação do Projeto Harmonia/Catende.

² Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba.

no início do século XX, para o assalariamento clássico das relações convencionadas entre trabalho e capital.

Os trabalhadores do campo e da produção do açúcar, desde os tempos coloniais, lutam para transformar as condições estruturais de produção da vida social. A história regional registra diversas lutas de escravos, de sitiantes, de foreiros e, nas últimas décadas, de trabalhadores assalariados - fichados, clandestinos, safristas³ e sem-terra.

Essas lutas arrastam consigo a contestação ao latifúndio e à expansão da cana de açúcar sobre áreas de pequenos camponeses. Na década de 80, após a consolidação do Movimento Sindical dos Trabalhadores Rurais, engendrou-se forte contestação à exploração do trabalho e ao não cumprimento dos direitos trabalhistas. A expressão mais importante desse processo de organização de lutas concretiza-se na experiência iniciada na Usina Catende, na década passada, pondo como desafios à educação dessa massa trabalhadora analfabeta, a sua filosofia e política, os seus conteúdos e metodologias.

A USINA CATENDE

A Usina Catende foi montada em 1892, transformando-se na maior produtora de açúcar da América Latina, cujas terras abrangeram 70.000 hectares, sendo, também, um símbolo das relações de opressão na região.

Essa história começa a ruir, do ponto de vista dos usineiros, com o endividamento ‘criminoso’ que iniciara na década de 80. A influência política do setor, inclusive o da Usina Catende, possibilitou, nas décadas de 80 a 90, a rolagem de suas dívidas com o Governo Federal e o Banco do Brasil, utilizando os subsídios da política rural daquele momento. Com o fim do PROALCOOL, projeto de incentivo governamental à produção do álcool, na década de 90, e a sua diminuição posterior, a situação tornou-se insustentável. Na Zona da Mata de Pernambuco, das 41 usinas e destilarias existentes, 14 fecharam suas portas, desempregando 150 mil trabalhadores.

Na Usina Catende, o efeito da crise no setor agro-açucareiro foi sentido fortemente no início da década de 90, ocorrendo a demissão de 2.300 trabalhadores sem qualquer tipo de indenização, provocando a luta pela garantia ao direito ao emprego, com uma greve que durou 16 dias. A fraude provocada pelos usineiros, proprietários da usina e a dilapidação do seu patrimônio em mais de 8 mil hectares, incluindo o parque industrial e a hidroelétrica, despertaram para a necessidade de maior organização sindical na região e o apoio de parceiros políticos da sociedade civil, chegando ao pedido de falência, no ano de 1995. A organização desse movimento culminaria com a criação da Companhia Agrícola Harmonia – empresa dos trabalhadores⁴.

Concluído o processo da falência, espera-se que os trabalhadores passem a ser os verdadeiros donos da empresa, considerando os direitos que eles têm, reconhecidos pela justiça, que serão

³ Trabalhador que tem vínculo empregatício apenas durante o período da colheita da cana de açúcar.

⁴ A dívida da usina está calculada em 660 milhões ao INSS, tributos, Banco do Brasil e fornecedores e 62 milhões aos trabalhadores. O patrimônio da usina está avaliado em 60 milhões. Este patrimônio é composto, sobretudo, por 48 propriedades, distribuídas em 5 municípios (Palmares, Catende, Jaqueira, Água Preta e Xexéu), num total de 27 mil hectares.

transformados em ações, possibilitando que a sua administração realize-se de forma autogestionária.

Mas, se grandes são os desafios para a sobrevivência das pessoas envolvidas nessa caminhada da Usina Catende, grandes são os seus sonhos, sua esperança e força coletiva para mudar a realidade e construir uma nova história. Inserida nessa busca, está o desafio para se efetivar um tipo de educação que se preste a esse processo. Afinal, que tipo de educação interessa a essa massa sem escola que contribua a este processo, voltado à economia solidária e que vislumbre perspectivas autogestionárias, nesse ambiente cultural da Usina Catende?

EDUCAÇÃO POPULAR PARA UMA ECONOMIA SOLIDÁRIA E AUTOGESTIONÁRIA

Catende é um todo educativo que cobra da educação uma filosofia, uma política, um ensino e uma aprendizagem voltados às lutas pelo emprego, pela organização para a manutenção do negócio, pela superação das dificuldades de subsistência diária e pela superação das dificuldades de gestão compartilhada de um empreendimento de trabalhadores e trabalhadoras. Isto passa a apontar, como vetor preponderante, um tipo de educação acompanhada dessas expectativas, identificada como educação popular. Ora, se a educação pode ter sido, para muitos, uma palavra desprovida de significados concretos, aqui, nesta experiência de Catende, educação só terá importância se permeada da dimensão da mudança, da transformação e do atendimento aos anseios postos. Uma educação que se volte às dimensões espontâneas mas, necessariamente, às suas dimensões sistemáticas que tal processo cultural exige. Mas, que tipo de educação popular e quais os seus valores sócio-filosóficos?

Uma educação popular que esteja voltada à superação da cultura do silêncio como diria Freire, reanimando a inerente capacidade de indignação dessas massas trabalhadoras.

Nesse sentido, a dimensão pedagógica da educação popular que veio se definindo na experiência de Catende, adquiriu maior dimensão à medida que se procurou adequar a relação do humano com o mundo, por meio das dimensões do trabalho, vivido nesse processo. O trabalho passou a ser o ponto de partida, voltado ao atendimento de uma educação popular necessariamente direcionada às maiorias, considerando-o fonte de sua existência. O significado da anterioridade do mundo em processos educativos fundamenta-se no aspecto de que o conhecimento, a partir das coisas concretas, pode incitar as forças humanas à promoção de mudanças. Uma educação popular expressa como um fenômeno que se volte à produção e à posse de seus produtos culturais, capaz de traduzir uma teoria de conhecimento que tenha como ponto de partida a realidade da vida na usina. Uma educação popular promotora do empoderamento das pessoas individualmente e de forma coletiva, incentivando valores e ações promotoras de liberdade e de justiça. Portanto, essa busca por um outro estilo de viver e voltado ao bem estar dos trabalhadores e trabalhadoras é um movimento que prescreve uma rigorosa organização das atividades de educação popular que precisam trazer consigo o processo produtivo da empresa como ponto de partida.

Trabalho é, historicamente, uma categoria central para a formação humana, para o processo de hominização. As relações que se estabeleceram, em torno do mesmo, determinaram condicionantes econômicos, sociais e culturais. Aqui, é possível constatar-se como produto uma população sem esperança, sem sonhos e com elevada 'baixa-estima' que acabam por naturalizar a exploração e a miséria.

Esse é um ponto importante de conteúdo específico que a educação popular em Catende destaca: o redirecionamento de uma cultura escravocrata, servil, herança de um patronato

truculento e patriarcal. Esta é uma herança direta da escravidão, traduzida pela presença da casa-grande, em contrastes com os arruados - substitutos das senzalas.

A educação popular no projeto Catende/Harmonia volta-se para a dimensão da cidadania, qualificada pela participação, pelo respeito à pessoa, pela responsabilidade de direitos e deveres, pela construção de desenvolvimento humano sustentável e solidário. É o exercício dialético de reconstruir a vida, suas relações, a partir da realidade dos educandos.

Mesmo a presença de projetos encetados por entidades não-governamentais reabre novas atividades também no campo da saúde, apresentando um espaço de ampla atuação educativa devida à inter-relação da saúde com os demais problemas locais. Todavia, a definição dos conteúdos de capacitação, nessa área, precisa ser guiada pela realidade – a origem das políticas de educação, suas metodologias e conteúdo para todo o projeto em busca de autogestão. Nesse sentido, a discussão sobre cooperativismo e gestão empresarial, com destaque para a autogestão, envolve temáticas presentes em todos os encontros promovidos em engenhos ou mesmo no ambiente da fábrica e inseridos nos conteúdos educacionais. Uma pedagogia articulada ao projeto de vida das pessoas, ao projeto de futuro.

Ao longo desses dez anos de falência, muito se tem investido em procedimentos educativos, destacando, como lembra Milan Kundera, a morte das revoluções quando morrem as idéias que lhes dão sentido. A perspectiva contrária também se impõe como verdadeira. Em Catende, era preciso fazer nascer essas idéias, construir coletivamente um modelo de empresa diferente – autogestionário – e, assim, provocar uma revolução local. Uma pedagogia que ajudasse com que a idéia de poucos se torne idéia de todos.

Os processos de *educação popular*, permeado por valores da economia solidária com perspectivas de autogestão, passaram por três momentos:

Primeiro Momento – Educação Massiva

1996/1997/1998 – com grandes programas e cerca de 100 a 150 turmas, com apoio do governo estadual (Miguel Arraes) que articulavam produção, cidadania e combate ao analfabetismo, envolvendo mais de três mil trabalhadores. Uma educação que acompanhava a ampliação do plantio coletivo de mais de 4 mil hectares. Uma pedagogia que destacava o conhecimento e a tecnologia de plantio de cana e tratos culturais⁵;

Segundo momento – educação para autogestão e economia solidária

1999 – 2000. Um momento de produção e exibição de vídeo em todos os engenhos e na fábrica sobre a crise na Zona da Mata e as possibilidades geradas na experiência da Catende. Este momento foi possível com apoios de outras organizações que atuam nesse campo da economia solidária, fortalecido por cursos de autogestão e economia solidária;

E, ainda, um terceiro momento - educação sistematizada

Este foi um momento de maior ampliação de objetos de educação em debate como a educação ambiental para crianças e adolescentes, cursos de formação para a juventude voltados à produção direta na fábrica e na área rural, além de cursos de sementeira, ovinocultura, piscicultura, consórcio da juventude, cursos do PRONAF, elevação de escolaridade,

⁵ Neste momento, houve a saudosa visita de Paulo Freire à Usina Catende e aos seus canaviais. Hoje, há uma escola, no Engenho Bela Vista, com o seu nome.

cooperativa de produtores, gestão do projeto da cana de morador e outros.

As pessoas estão assimilando por meio do exercício prático de participar, de pensar e de agir sobre a sua própria realidade com autonomia, um duro exercício de liberdade. Esta compreensão de plantar lavoura, criar peixe, gado e outras culturas e delas se alimentar, comercializar são ações transformadoras no seio da grande plantação canavieira da Zona da Mata.

Catende é uma empresa de trabalhadores que estão apostando no princípio da democracia, da distribuição dos benefícios e na responsabilidade compartilhada com todos. Um processo que das empresas patronais, recuperam-se os princípios da eficiência, produtividade e concorrência de mercado, competindo com seu produto – o açúcar - no mercado interno e no exterior. Em meio a grande plantação de cana de açúcar, a população do meio rural desenvolve seu aprendizado de vida, condicionado ao plantio, cultivo e corte da cana e, ainda, com baixa escolaridade.

CONSIDERAÇÕES

A educação popular em desenvolvimento neste projeto Catende /Harmonia mantém-se baseada na própria práxis de seus executores, no exercício cotidiano da gestão coletiva, na administração dos conflitos internos, na superação conjunta das dificuldades, na busca e consolidação de alternativas outras de geração de trabalho e renda e na melhoria da qualidade de vida daquela gente. É uma empresa de olhos na autogestão que vai se constituindo pela descentralização das decisões, ampliando a participação dos agentes envolvidos, debatendo questões do meio ambiente e buscando, ao nível interno, a construção de uma estrutura democrática e de novas relações de poder. Para tal ambiente, a educação popular precisa ajudar ao exercício do direito à informação e à busca de conhecimento, da produção e posse dos bens culturais existentes⁶.

A educação popular em desenvolvimento no projeto Catende/Harmonia vem sendo direcionada pela história desse povo e pelos seus elementos culturais como bases para o ensino-aprendizagem. Persegue a dimensão do popular como metodologias propulsoras de exercícios e relações democráticas que possam estabelecer-se no parque industrial e na área rural. Pela dimensão do mundo concreto, as suas vidas, as suas histórias, estão sendo permeadas pelo princípio ético do diálogo e expressões promotoras da igualdade, da autonomia, da liberdade, da justiça e da felicidade.

No projeto Catende/Harmonia, a educação popular realiza-se na construção de um empreendimento voltado à economia solidária e à autogestão, na perspectiva de mudanças, inicialmente daquele local, mas pensando as mudanças no mundo, sem que se façam grandes estrondos. Com essas possibilidades, a educação popular, nos marcos do trabalho, vem sendo instrumental de importante valia.

REFERÊNCIAS

CONSÓRCIO SOCIAL da Juventude Rural Nacional Aliança. Plano de Trabalho das Entidades Consorciadas. Projeto Juventude com Harmonia – Catende, PE. 2004.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

⁶ Ver, Álvaro Vieira Pinto, com destaque ao capítulo da teoria da cultura.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MELO NETO, José Francisco de. **Educação Popular – enunciados teóricos**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2004.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão universitária, autogestão e educação popular**. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2004.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e existência** – problemas filosóficos da pesquisa científica. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.

PLANO DE GESTÃO de sustentabilidade autogestionária para a Usina Catende – Projeto Harmonia. Catende, PE. 2005.

RELATÓRIO de Atividades – **Qualitativo e Quantitativo** - Projeto – BRA – 45552 - Por Uma Cultura de Autogestão. Catende, PE. 2004.